

# Inscrição e iconografia do “disco”, de ouro, de Bensafrim (Lagos, Algarve)

*Mário Varela Gomes*<sup>1</sup>

## **Antecedentes**

O denominado disco de Bensafrim, pertença do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz (inv. N.º 7674/09.A.216), possível botão ou falera, é não só uma das mais antigas jóias de ouro surgidas no Sul de Portugal, pertencendo à Idade do Ferro, como a que maior profusão iconográfica apresenta.

O elemento ornamental mencionado foi descoberto na área da necrópole sidérica de Bensafrim, explorada em 1878 sob direcção de Estácio da Veiga e dezassete anos depois sob a de António dos Santos Rocha, pelo prior daquela povoação, António José Nunes da Glória, que o cedeu àquele segundo arqueólogo. Foi também um pároco de Bensafrim, Manuel José de Barros, que ali recolheu as primeiras estelas epigrafadas e outros materiais, depois entregues a Estácio da Veiga (1891, p. 250-255, 285) e que hoje se conservam no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 1).

---

<sup>1</sup> Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U. N. L. (Avenida de Berna, 26C, 1069-061, Lisboa, mv.gomes@fch.unl.pt).

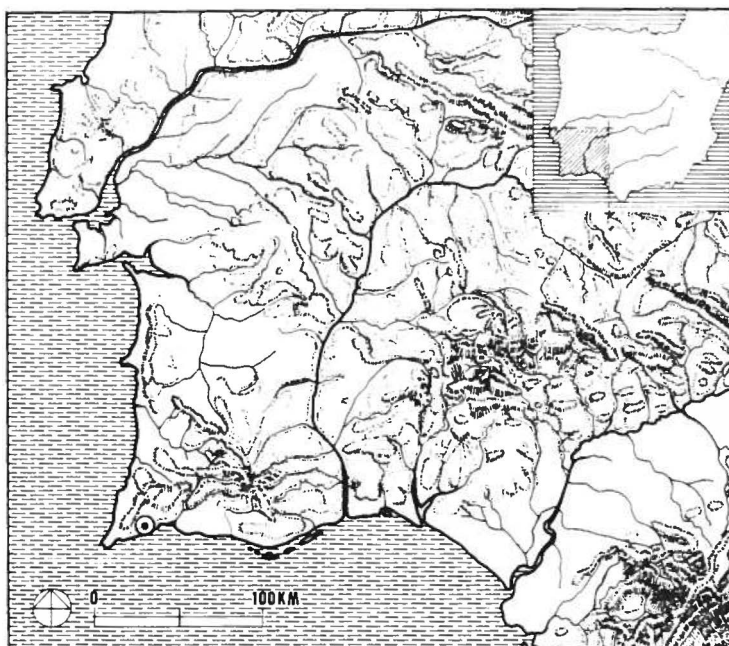


Fig. 1 Localização de Bensafrim (Lagos, Algarve), na Península Ibérica.

Ao que parece o “disco” de ouro terá sido “ (...) encontrado junto a uma urna cinerária na necrópole romana da Fonte Velha (...)”, conforme registou A. dos Santos Rocha (1904, p. 64). Este detectou a sobreposição da necrópole sidérica pela romana, tendo encontrado, em 1895, nova estela funerária (Bensafrim VI), tombada sobre a sepultura respectiva, da Idade do Ferro, contendo longo texto epigrafado (Rocha, 1896, p. 136, 137).

Segundo o autor antes citado, tanto A. J. Nunes da Glória como ele próprio não deram importância à possível associação registada entre o “disco” e a urna, dado ambos entenderem que aquela jóia correspondia a produção pré-romana, muito possivelmente contemporânea da mais antiga necrópole ali detectada, com origem no Mediterrâneo Oriental (Rocha, 1904, p. 64). Importa referir que aquela peça áurea não mostra quaisquer sinais de exposição ao fogo.

A. dos Santos Rocha deu conhecimento público e descreveu minuciosamente a decoração do disco em 1901, referindo a existência naquele de linhas formadas por pequenas impressões hemisféricas, que julgou constituírem letras, nos seguintes termos: “Há n’estes ornatos granulados fórmulas que fazem lembrar certos caracteres dos alfabetos gregos arcaicos, sobretudo do alfabeto eolo-dori-

co.” (Rocha, 1904, p. 65, est. III, fig. 43).

O Pe Belchior da Cruz (1902, p. 100) haveria de citar aquele trabalho em *O Archeologo Português*, conferindo-lhe maior divulgação. Santos Rocha (1905, p. 105) catalogou o “disco” como contendo “ornatos mycenicos estampados”. Todavia, a chamada de atenção para a possível inscrição nele gravada não obteve eco, nem à época nem posteriormente, mesmo no seio dos muitos investigadores que se têm dedicado ao estudo das epígrafes da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular como, mais recentemente, do próprio disco, caindo no esquecimento.

Integrámos aquela peça na exposição que, com Caetano Beirão, organizámos no Museu Nacional de Arqueologia sobre a epigrafia da Idade do Ferro do Sul de Portugal e o seu contexto cultural, momento em que se executou novo desenho, utilizado na contra-capa do respectivo catálogo, e pormenorizado levantamento fotográfico da mesma (Beirão e Gomes, 1980, p. 14, nº 59). Também fez parte da mostra “De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.” de que fomos consultor (Alarcão e Santos, 1996, pp. 228, 229).

Trabalho recente sobre a epigrafia sidérica de Bensafrim (Correia, 1995-97) também não contemplou o que julgamos tratar-se, de facto, de inscrição



Fig. 2 "Disco" de ouro de Bensafrim (ampl.x2,5) (foto M. V. Gomes, RXII/79-32).

na denominada escrita do Sudoeste Peninsular e que, dado o seu bom estado de conservação, número de signos, tal como o reduzido acervo de epígrafes existentes, para além das correspondentes a estelas funerárias, importa tentar valorizar, a par da restante iconografia ali presente. E o mesmo poderemos dizer de importante texto que atendeu principalmente aos meios técnicos, com que se produziu a peça em apreço (Vilaça e Armbruster, 2012).

#### O "disco"

Trata-se de fina chapa de ouro, com contorno circular, medindo 0,036 m de diâmetro, cerca de 0,001 m de espessura e com 1,1 gr de peso. Ao centro mostra orifício com 0,004 m de diâmetro (Figs 2, 3).

Santos Rocha (1904, p. 64) pensou que a ornamentação do "disco" tinha sido impressa e efectuada através de molde, tendo-se sobre ele batido a chapa metálica. Não obstante, se de facto aquelas decorações foram estampilhadas, irregularidades na sua distribuição, sobreposições de elementos, erros e omissões, conduzem a acreditarmos que elas não só foram realizadas em dois grandes momentos como se utilizaram diferentes ferramentas: cinzéis, matrizes ou punções, aspecto que estudo recente viria a melhor demonstrar (Vilaça e Arm-

bruster, 2012).

A primeira fase de gravação respeita à decoração do "disco", com as suas molduras constituindo duas cartelas em forma de coroas-circulares, e quatro motivos distintos, três dos quais se associam entre si, enquanto a segunda fase corresponde à inclusão dos caracteres alfabéticos que integram a inscrição (Fig. 3).

A zona central do disco desapareceu, sendo possível que ele estivesse fixado a base resistente, de outro material e, no anverso, existisse pé, destinado à fixação da peça. Estas considerações esteiam-se na constituição do botão de ouro, descoberto pelo nosso saudoso Amigo Caetano Beirão (1986, p. 72, fig. 14) durante as escavações a que procedeu na necrópole, da I Idade do Ferro, da Fonte Santa (Ourique). Esta jóia mostrava corpo e pé de prata, tal como revestimento, no anverso e reverso, de fina chapa de ouro (Fig. 4 C).

O centro do "disco" de Bensafrim encontra-se rodeado por três estreitas molduras circulares, enquanto a sua zona mesial, a mais rica em termos decorativos, correspondendo à cartela mais ampla, mede 0,008 m de largura, e é definida

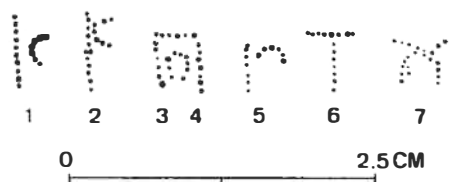


Fig. 3 "Disco" de ouro de Bensafrim e sua inscrição (seg. M. V. Gomes).

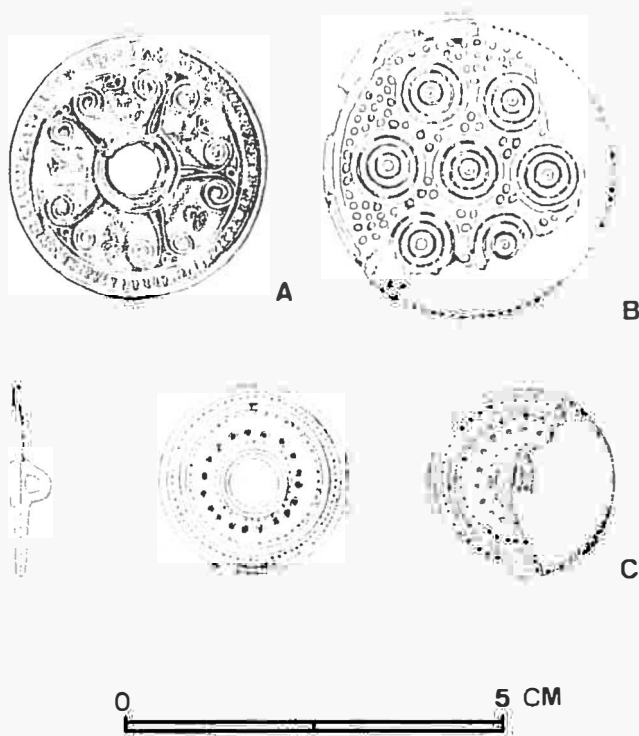


Fig. 4 "Disco" de ouro de Bensafrim (A), "disco" de Conímbriga (B) e botão da necrópole da Fonte Santa (Ourique) (C) (B seg. V. Correia, 1916, p. 261, fig. 10; C seg. C. Beirão, 1995, p. 72, fig. 14).

pelas molduras acima referidas, tal como por outra exterior, que também ajuda a delimitar a cartela correspondente à orla do disco.

No interior da primeira cartela referida observam-se cinco motivos obtidos por estampilhagem, em forma de pendente, cujas extremidades terminam em espirais, e são quase equidistantes entre si. Entre as bases das espirais detectam-se pequenos círculos, também estampilhados, e entre os pendentes, representações de abelhas, muito esquemáticas, igualmente elaboradas a partir de matriz.

Acima de cada uma das figurações de abelhas ou, no espaço à sua volta, delimitado pelos pendentes espiralados, ocorrem pequenas linhas constituídas por pequeníssimos relevos hemisféricos, punccionados em séries rectilíneas ou semicirculares, lembrando grânulos e, segundo julgamos, formando sete letras.

Dois daqueles espaços mostram duas letras, dispostas concentricamente, e os restantes apenas uma.

A orla do "disco" corresponde a cartela estreita, delimitada por duas molduras, encontrando-se preenchida por sucessão de elementos punccionados

em forma de S, medindo, cada um deles, 0,0015 m de altura.

#### A inscrição

Conforme referimos, identificaram-se sete letras, medindo cada uma delas entre 0,004 m e 0,007 m de altura, sendo excepção a letra que reconhecemos como *ómicron*, dado que atinge, apenas, 0,0025 m de diâmetro (Fig. 3).

As letras oferecem formas idênticas às utilizadas na escrita do Sudoeste Peninsular, durante a Idade do Ferro e, nomeadamente, nas seis estelas epígrafadas e em pequena pedra com grafito, da necrópole de onde provém o "disco" (Beirão e Gomes, 1985, pp. 466, 467). Todavia, importa observar que todas as letras foram gravadas com duas pequenas matrizes denteadas, uma recta, com seis pontas, e a outra semicircular, com cinco de tais elementos, que produziram sucessões de pontos em relevo, tal grânulos, por vezes sobrepondo-se, pelo que as suas formas não podem corresponder exactamente ao desenho mais típico das mesmas letras quando incisas a cinzel ou a buril, conforme acontece nas estelas ou em outros suportes. As formas angulosas e circulares das letras são idênticas às encon-

tradas na restante epigrafia sidérica do Sudoeste Peninsular.

Também a disposição das letras não é homogénea ou seja, nem todas possuem o eixo maior ocupando posição radial, anomalias afins das que também encontramos na restante epigrafia do Sudoeste Peninsular, onde não são incomuns letras, ou até palavras, invertidas mas que no presente caso se podem explicar devido às pré-existências figuradas no “disco” e à própria forma deste.

A primeira e a segunda letras, com elemento rectilíneo a que se associa forma subcircular, correspondem a *kapa* (*kap*). Esta consoante oclusiva surda, reconhecida em Tell Halaf à volta de 900 a.C. (Jeffery, 1961, p. 30), foi representada no alfabeto de Espanca e em numerosas inscrições da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, com traço curvo em substituição das duas barras oblíquas, por vezes desligado do traço vertical, tal como acontece na primeira letra do “disco” de Bensafrim.

Naquela primeira letra o traço curvo foi colocado ao centro do vertical, enquanto na segunda se encontra próximo do topo do traço vertical, sendo possível que se tivesse querido gravar a letra *lambda*, em vez de um segundo *kapa*.

A terceira letra é um *eta* (*hêt*), de forma rectangular e sem o traço inferior, dado existir no seu lugar figuração de abelha. Trata-se de vogal aspirada com assinalável número de variantes no alfabeto do Sudoeste Peninsular. A forma mais comum é a rectangular, com barra central horizontal, que dará origem à representação em H, tal como acontece nas escritas gregas arcaicas (Jeffery, 1961, p. 28). A sua troca por *epsilon*, que foneticamente conviria à escrita do antropónimo é compreensível devido ao arcaísmo da inscrição, num tempo em que as regras da fonética e da sintaxe ainda não estavam completamente estabelecidas.

A quarta letra corresponde a *omicron* (*ayin*), perfeitamente circular. Usada como vogal *o* ou como ditongo *ou*, o “o pequeno” surge sempre com dimensões reduzidas em relação às restantes letras, ocorrendo idêntico aspecto nos alfabetos gregos arcaicos e nas lápides do Sudoeste Peninsular. As reduzidas dimensões desta letra acentuam-se nos períodos mais tardios, tanto nas escritas gregas

como na do Sudoeste. A solução de colocar o *omicron* no interior do *eta* pode dever-se à falta de espaço ou à tentativa de figurar a contracção das duas letras, aspecto que se repete em algumas epígrafes suas contemporâneas.

A quinta letra identifica-se como *beta* (*bêt*), possuindo a haste recta e curvatura semicircular na extremidade superior, voltada para o lado direito do observador. Esta consoante oclusiva sonora foi representada, com a forma mencionada, no alfabeto de Espanca e é a mesma de Gortina, aproximando-se da forma fenícia.

A sexta letra, constituída por linha recta e segmento a ela perpendicular, centrado no topo, reconhece-se como *tau* (*tau*). Consoante oclusiva surda, mostra grafia muito utilizada na Grécia e na escrita do Sudoeste Peninsular, onde também surge com a forma de X.

Por fim, a sétima letra corresponde a *omega*. Trata-se de o longo e aberto, ou de *on*, vogal cuja criação se deve aos Gregos, talvez aos Jónios, em *ca* de 700 a.C., para alguns autores sob modelo provindo do silabário cipriota. Foi em seguida adoptada por Atenas (Ghinatti, 1999, p. 84).

A forma em apreço corresponde à 26ª letra do alfabeto de Espanca e é idêntica à que surge no jónico. Na epigrafia do Sudoeste Peninsular mantém-se a forma circular aberta, na grande maioria dos casos com dois traços adossados à base ou na parte superior, variando tanto a sua abertura, como as dimensões daqueles apêndices, chegando a apresentar aspecto quase de H (estela de Corte do Freixo I).

A identificação desta letra, que aqui se faz como *omega*, tem sido alvo de controvérsia e, quanto a nós, factor de atraso na compreensão da escrita do Sudoeste Peninsular (Gomes, 2010, pp. 140, 141).

A transcrição possível da pequena epígrafe, de acordo com os valores fonéticos atribuídos às letras dos alfabetos gregos arcaicos e à da escrita do Sudoeste Peninsular, que acreditamos deles ser afim, é a seguinte: KKEOB(a)TO(n).

Todavia, conforme antes assinalámos, julgamos que houve erro na gravação da segunda letra e que se quis figurar um *lambda*. Se tal aconteceu teremos, atendendo à presença de o longo: KLEOB(a)TO(n) ≈ KLEOBATON ou KLEOS BÁTON. A falta do

*alfa* e de outras vogais acontece na escrita do Sudoeste Peninsular, possivelmente por influência dos antigos silabários, e prescindiu-se do *nu* final devido ao valor fonético do *ómega* (*on*).

Trata-se, pois, de nome pessoal que reúne, muito possivelmente, o antropónimo ou o radical *Kleo* e o nome próprio *Báton*.

O antropónimo *Kleó*, foi conhecido em Atenas, no século VI a.C. (Osborne e Byrne, 1994, p. 267), na Messenia (Coríntia), no século VII a.C., na Arcádia, no século V a.C. e em Corinto, no século IV a.C. (Fraser e Matthews, 1997, p. 250).

O radical *Kleo*, que pode significar fama, glória ou reputação (Chantraine, 1999, p. 540), surge igualmente, com alguma frequência, na antroponomia grega, conforme ilustram *Kleóboulus*, conhecido em Delfos, Rodas e Thasos, no século IV a.C., *Kleogénes*, em Lokris, no século V a.C. e em diferentes lugares da Eubeia na centúria seguinte, *Kleódamus*, em Orchomenos, no século VI a.C. ou, ainda, *Kleoinaios*, *Kleopátra*, etc... (Fraser e Matthews, 1987, pp. 260,261; 1997, p. 251; 2000, p. 234).

Também *Báton* e *Báttos* constituíram nomes próprios registados, respectivamente, em Atenas e Delfos, no século III a.C., e em Megara, no século IV a.C. (Fraser e Matthews, 2000, p. 85; Osborne e Byrne, 1994, p. 87).

*Battós* lê-se em inscrição do século V a.C. de Corinto, *Bátus* no século IV a.C., em Aitolia, e *Báton*, no século IV a.C., na Acarnania (Fraser e Matthews, 1997, p. 88, 89). *Bátos* corresponde a antropónimo usado em Cirene, nos séculos VII-VI a.C. e no século IV a.C. em Samos, aqui a par de *Báton* (Fraser e Matthews, 1987, p. 100). *Báton* surge, igualmente, em inscrição de Atenas, do século III a.C. (Osborne e Byrne, 1994, p.87) e *Battó*, em Creta, naquela mesma centúria (Fraser e Matthews, 1987, p. 100).

*Bátos* traduz-se por silva, amora ou framboesa, mas também denominava medida para líquidos ou espécie de peixe (raia). *Báttos* significaria aquele que gagueja ou balbucia, enquanto *Bátus* pode traduzir-se por profundo, rico ou exuberante (Chantraine, 1999, pp. 155, 156, 168-170), embora, segundo Pestalozza (1950, pp. 202-205), designe rei.

L. H. Jeffery (1961, p. 194), refere em Amyklaion, o antropónimo *Bathyklos*, que é muito semelhante

à inversão de *Kleobató*, como *Kleopátra* o é de *Patrokles*, aspecto estudado por L. Dubois (2000).

Aquele primeiro corresponde ao arquitecto, ourives e escultor de Magnésia que, segundo Pausanias (III, 18, 9), terá vivido em meados do século VI a.C. e esculpido o trono de Apolo no local mencionado, situado a sul de Esparta (Martin, 1987; Moreno Conde, 2003).

### Comentário

A. dos Santos Rocha (1904, p. 60) compreendeu a origem, no Mediterrâneo Oriental, da decoração do “disco” de Bensafrim, tendo-o comparado com jóias micénicas, publicadas por Schliemann, tese que Vergílio Correia (1916, pp. 261, 262, fig. 10) em parte subscreve, ao tratar de fragmento de disco, procedente das escavações que efectuou na camada pré-romana da cidade de Conimbriga (Condeixa-a-Velha). Este é de bronze e revestido por ouro, medindo 0,039 m de diâmetro, encontrando-se decorado com seis conjuntos de círculos concêntricos, dispostos em torno de outro idêntico e sendo o espaço envolvente preenchido por pontos em relevo (Fig. 4 B).

O perímetro circular do “disco” de Bensafrim, a matéria-prima em que foi realizado, de cor amarela e capaz de refulgir a luz, e sobretudo a sua decoração, integrada em molduras circulares concêntricas, conferem-lhe clara simbologia solar.

Os cinco pendentis, em forma de dupla espiral e que constituem os motivos com maiores dimensões e melhor visíveis da decoração do “disco” de Bensafrim, correspondem a elementos apotropaicos e propiciatórios, igualmente ligados à fecundidade e bem conhecidos na Europa pré-histórica, através de representações em estátuas menires do Sul da França (Arnal e Menager, 1973), da Suíça (Petit-Chasseur, Sion) e do Norte de Itália (Valcamónica) ou de artefactos, produzidos em cobre ou bronze, mas também registados no Próximo Oriente.

Segundo E. Anati (1968, pp. 109-115; 1972) tais símbolos teriam origens próximo-orientais e indoeuropeias, ascendendo ao IV milénio a.C. No Egipto dinástico, objectos semelhantes eram utilizados como amuletos, sendo pendurados ao pescoço por mulheres grávidas, embora pudessem, ainda,

encontrar-se ligados ao culto dos antepassados. Diversas jóias, de ouro, descobertas por Schliemann em Tróia, de meados do III milénio a.C., mostram conjuntos de duplas espirais semelhantes às figuradas no disco de Bensafrim (Antonova, Tolstikov e Treister, 1996, pp. 114, 182).

Também representação de divindade feminina fenícia, fundida em bronze (h = 0,165m), de provável produção norte-síria, datável nos inícios do I milénio a.C. e que o Museu do Louvre conserva (A. O. 1761), exhibe colar de onde pende dupla espiral (Negbi, 1976, pp. 91, 186, est. 47), ilustrando a difusão mediterrânea e a longa sobrevivência, em contextos sócio-religiosos, daquele emblema. Aliás, símbolos afins, com as extremidades menos desenvolvidas, ou em forma de ómega são conhecidos na Antiga Mesopotâmia, conforme ilustra placa de terracota de Isin-Larsa, da primeira metade do segundo milénio a.C., onde se observa a deusa (Nintu), segurando par de gémeos, ladeada por duas de tais figuras, julgadas conotadas com o útero humano e com a fecundidade em geral (Black e Green, 1992, pp. 132, 146, 147, fig. 109).

Àquele reportório semântico associam-se representações esquemáticas de abelhas, bem conhecidas na ourivesaria proto-histórica da Península Ibérica e do Mediterrâneo Oriental.

Recordemos a fibula de ouro de Cádiz, atribuída ao século IV a.C., que reproduz, com acentuado verismo, um de tais insectos (Nicolini, 1990, est. 193), ou a placa de prata, do grande tesouro de Salvaçañete (Cuenca), contendo representação antropomórfica associada a ave e a abelha, talvez figurando Artemis, ou divindade com ela sincretizada (Cabré, 1936, p. 154, est. VI; Raddatz, 1969, p. 247, est. 50:5).

Pequena abelha, de ouro, procedente de Creta, faz hoje parte das colecções do *British Museum*, conhecendo-se pendentos mostrando duas abelhas rodeando favo de mel, encontrado no túmulo Chrysolakkos, de Mallia, no Norte de Creta e atribuído a 1700-1600 a.C. (Museu Arqueológico de Heraklion) (Higgins, 1979, pp. 23, 24, 60, 61, figs 14, 61). Anel, igualmente de ouro, com abelha, foi exumado em túmulo micénico de Tebas, datado de 1400-1200 a.C. (Buchholz e Karageorghis, 1973, pp. 111, 390, nº 1356).

O valor apotropaico das abelhas, ligado, por excelência, ao ouro, parece encontrar-se também na placa, daquele metal, de Camiros (Rodes), exibindo deusa-abelha rodeada por dois motivos florais (séc. VII a.C.) (Gimbutas, 1974, p. 189, fig. 179; Boardman, 1980, p. 94, fig. 108) ou na placa circular, ainda de ouro, com representação de abelha, da sepultura 111 de Micenas (Schliemann, 1878, p. 168, fig. 243).

As abelhas (*Apis mellifera* L., 1758), produtoras do mel, que foi considerado, na Antiguidade, como o alimento puro e doce, predilecto das divindades, ou o alimento do Paraíso. Tido como capaz de desenvolver a sabedoria e a eloquência, foi utilizado em libações, misturado com água, leite, vinho ou vinagre, em especial durante celebrações fúnebres e cerimónias iniciáticas. Não raro, as abelhas foram interpretadas como receptáculos das almas dos mortos, nomeadamente em Platão, acreditando-se que seriam capazes de as conduzir ao mundo divino e imortal, dado tais insectos, muito laboriosos, desaparecerem no interior de colmeias durante os três meses do Inverno, ressurgindo, como que ressuscitados, na Primavera. A pitonisa de Delfos, que fazia a ligação entre o real e o transcendente, era apelidada de “abelha”, dada a sua reconhecida sabedoria e eficácia dos seus oráculos (Balandier, 1993, p. 118).

Porfírio transmitiu a tradição antiga de dar-se o nome de *melissae* (abelhas) às sacerdotisas de Deméter, em Elêusis e Éfeso, tendo-se figurado a deusa Artemis, irmã gémea de Apolo, através de abelhas, dado o seu poder de conferir a regeneração periódica e a fecundidade, como a sua ligação ao mundo selvagem e natural, reflectindo antigos cultos minorasiáticos (Gimbutas, 1974, pp. 181, 182, 198).

Ainda segundo a mitologia grega, as abelhas teriam sido domesticadas por Aristeus, legendário rei-civilizador da Arcádia, o “senhor do mel”, conforme denominação de Ovídio. E Zeus, quando criança, seria alimentado com mel, por Melisseus, rei de Creta, onde durante o Período Minóico, a cidade de Knossos oferecia mel à deusa Ereuthya (*Eleithya*), a que se prestava culto em gruta de Amnisos (Rutkowski, 1986, p. 64).

As imagens de abelhas tornaram-se importantes

símbolos apotropaicos, de ressurreição, felicidade, trabalho e ordem, por certo devido às variadas utilizações dadas ao mel, alimento e fármaco, capaz de propiciar vida longa e saudável, relacionável com o bem-estar e, até, com a imortalidade, cuja cor amarela é também a do ouro e a do Sol.

A figuração solar, simbolizada no “disco”, encontra-se valorizada através da teoria de sucessão de pequenas incisões em forma de S, que preenchem a sua cartela exterior, representando os raios daquele astro, cuja importância religiosa e simbólica, ligada com a crença na ressurreição, é bem conhecida, designadamente em ambientes funerários de diferentes regiões e épocas.

A inscrição agora dada a conhecer é, por ora, a única, em escrita do Sudoeste Peninsular, que surge tendo como suporte jóia atribuível a contexto arqueológico da Idade do Ferro.

O antropónimo nela reconhecido, com origem grega, também não se registava na rica epigrafia daquele período, correspondendo, quiçá, ao nome do seu proprietário. Aliás, a pouca destreza patente na gravação das letras e a utilização de técnica algo distinta da usada para figurar a restante iconografia, permite aceitarmos que a epígrafe foi ali inscrita em um segundo momento, ou incluída em jóia já existente, talvez quando passou a ser propriedade daquele que acompanhou no túmulo.

O presente texto regista a identificação da letra *ómega*, facto que, certamente, muito contribuirá para a leitura e decifração da epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular.

Tanto o “disco”, como a sua ornamentação, de carácter apotropaico e propiciatório, como o curto texto que exhibe, constituem importantes testemunhos da florescência cultural, com forte matriz orientalizante, que ocorreu, dos finais do século VIII a.C. aos finais do século VI a.C., no Sul de Portugal e a sua interacção com o Mediterrâneo Oriental.

## Bibliografia

- Alarcão, J. de; Santos, A. I. P. (coord.), 1996, *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
- Anati, E., 1968, *Arte Preistorica in Valtellina*, ed. Centro Camuno di Studi Preistorici, Capo di Ponte.
- Anati, E., 1972, La stele di Ossimo, *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici* 8, pp. 81-119.
- Antonova, I.; Tolstikov, V.; Treister, M., 1996, *The Gold of Troy. Searching for Homer's Fabled City*, Thames and Hudson, London.
- Arnal, J.; Menager, A., 1973, Une double pendeloque à spirale découverte sur une statue-menhir. Collongues 1 (Gard), France, *Archives Suisses d'Anthropologie Générale* 37, pp. 61-66.
- Balandier, C., 1993, Production et usages du miel dans l'Antiquité Gréco-Romaine, *Des Hommes et des Plantes*, pp. 93-125, Université de Provence, Aix-en-Provence.
- Beirão, C. M. de M., 1986, *Uma Civilização Proto-histórica da Sud do Portugal (1er Âge du Fer)*, Éditions de Boccard, Paris.
- Beirão, C. M. de M.; Gomes, M. V., 1980, *A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- Beirão, C. M. de M.; Gomes, M. V., 1985, Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal, *Actas del III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, pp. 465-499, Universidad de Salamanca, Salamanca.
- Black, J.; Green, A., 1992, *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia. An Illustrated Dictionary*, British Museum Press, London.
- Boardman, J., 1980, *The Greeks Overseas. Their Early Colonies and Trade*, Thames and Hudson, London.
- Buchholz, H.-G.; Karageorghis, V., 1973, *Prehistoric Greece and Cyprus*, Phaidon Press, London.
- Cabrè, J., 1936, El tesoro de plata de Salvacañete (Cuenca), *Archivo Español de Arte y Arqueología* 35, pp. 151-159, VIII ests.
- Chantraine, P., 1999, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*, Klincksieck, Paris.
- Correia, V., 1916, Conimbriga. A camada pré-romana da cidade, *O Archeologo Português XXI*, pp. 252-264.
- Correia, V. H., 1995-97, A epigrafia pré-latina de Bensafrim, *O Archeologo Português*, série IV, 13-15, pp. 181-209.
- Cruz, P. B. da, 1902, Sociedade Archeologica da Figueira, *O Archeologo Português VII*, pp. 98-100.
- Dubois, L., 2000, Hippolytos and Lysippos: Remarks on some compounds in Immo -, -immos, *Greek Personal Names. Their Value as Evidence*, pp. 41-52, Oxford University Press, Oxford.
- Fraser, P. M.; Matthews, E., 1987, *A Lexicon of Greek Personal Names. Vol. I. The Aegean Islands, Cyprus, Cyrenaica*, Clarendon Press, Oxford.
- Fraser, P. M.; Matthews, E., 1997, *A Lexicon of Greek Personal Names. Vol. III. A. The Peloponnese, Western Greece, Sicily, and Magna Graecia*, Clarendon Press, Oxford.
- Fraser, P. M.; Matthews, E., 2000, *A Lexicon of Greek Personal Names. Vol. III. B. Central Greece: From the Megarid to Thessaly*, Clarendon Press, Oxford.
- Ghinatti, F., 1999, *Alfabeti Creci, Problemi e Prospettive del Mondo Antico*, G. B. Paravia, Torino.
- Gimbutas, M., 1974, *The Gods and Goddesses of Old Europe*.

7000-3500 BC. *Myths, Legends & Cult Images*, Thames and Hudson, London.

Gomes, M. V., 2010, Estela epigrafada, da Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja), *Musa* 3, pp. 137-148.

Higgins, R., 1979, *The Aegina Treasure. An Archaeological Mystery*, British Museum Publications, London.

Jeffery, L. H., 1961, *The Local Scripts of Archaic Greece*, Clarendon Press, Oxford.

Martin, R., 1987, Bathyclès de Magnésie et le "trône" d'Apollon à Amyklæ, *Architecture et Urbanisme*, vol. 99, pp. 369-387, École Française de Rome, Roma.

Moreno Conde, M., 2003, Los seres híbridos en el Peloponeso y su «apropiación» con fines políticos, *Seres Híbridos. Apropiación de Motivos Míticos Mediterráneos*, pp. 167-179, Museo Arqueológico Nacional, Madrid.

Negbi, O., 1976, *Canaanite Gods in Metal*, Tel Aviv University, Tel Aviv.

Nicolini, G., 1990, *Techniques des Ors Antiques. La Bijouterie Iberique du VIIe au IVe Siècle*, Éditions Picard, Paris.

Osborne, M. J.; Byrne, S. G., 1994, *A Lexicon of Greek Personal Names*. vol II. Attica, Clarendon Press, Oxford.

Pestalozza, 1950, *La Parola del Passato*, Nápoles.

Raddatz, K., 1969, *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel von Ende des Dritten bis zur Mitte des Ersten Jahrhunderts von Chr. Geb.*, Walter de Gruyter & Co, Berlin.

Rocha, A. dos S., 1896, A necrópole protohistórica de Fonte Velha, em Bensafrim no Concelho de Lagos, *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes* IV, pp. 129-145.

Rocha, A. dos S., 1904, Estudo sobre um artefacto pré-romano d'ouro descoberto no Algarve, *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha* I (2), pp. 64-67.

Rocha, A. dos S., 1905, *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo Geral*, Imprensa Lusitana, Figueira da Foz.

Rutkowski, B., 1986, *The Cult Places of the Aegean*, Yale University Press, New Haven.

Schliemann, H., 1878, *Mycenae: A Narrative of Researches and Discoveries at Mycenae and Tiryns*, John Murray, London.

Veiga, S. P. M. E. da, 1891, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. vol. IV, Imprensa Nacional, Lisboa.

Vilaça, R; Armbruster, B., 2012, O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos, Algarve), *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*, pp. 153-170, Casino Figueira, Figueira da Foz.